

As favelas nas intrigas do telejornal: o caso do *Parceiros do MGTV*¹

Favelas in the intrigues of a news bulletin: The case of *Parceiros do MGTV*

Bruno Souza Leal²
brunosleal@gmail.com

Pedro Lucchesi Loures²
lucchesipedro@gmail.com

RESUMO

Este artigo desenvolve um exercício analítico sobre a identidade de um telejornal, a partir de um duplo movimento de aproximação. Primeiro, promove uma caracterização geral da primeira – e, até 2016, única – edição do quadro *Parceiros do MGTV*, da TV Globo de Belo Horizonte, incluindo dados gerais sobre temáticas e escolhas editoriais, confrontando-o com modos recorrentes de informar sobre as favelas no jornalismo brasileiro. Em seguida, observamos mais atentamente as narrativas de três das reportagens exibidas pelo quadro. O movimento complementar entre as escalas macro e micro envolve uma articulação metodológica entre análises de conteúdo e textual e permite ver que o esforço de inovação do quadro foi contrabalançado pelo modo recorrente de narrar do telejornal, o que fez com que as favelas emergissem nessas narrativas como que em oposição (ou resistência) ao próprio *MGTV*. Com isso, o telejornal passa a ser visto como um produto cuja identidade, vista para além da noção de linha editorial, se apresenta de modo tensionado e clivado internamente.

Palavras-chave: telejornalismo, narrativa, favela.

ABSTRACT

This article develops an analytical exercise about a news program identity, based on a double movement. First, it promotes a general characterization of the first and – up to 2016 – only edition of *Parceiros do MGTV*, including general data on topics and editorial choices, confronting it with recurrent ways of informing about the favelas in the Brazilian journalism. Then we observe three of its news stories more closely. The movement between the macro and micro scales let us see that the innovation effort that justifies *Parceiros do MGTV* was offset by the traditional patterns of the television news, which led the favelas to emerge in these narratives as if in opposition (or resistance) to the news bulletin. Thus, the news bulletin can be seen as having an unstable identity, far away from what is said in its editorial line.

Keywords: television, news, narrative, favelas.

¹ Artigo oriundo de pesquisa apoiada pelo CNPq e pela Fapemig.

² Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antonio Carlos, 6627, prédio da Fafich, sala 4230, 30270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Introdução

Este artigo estuda um caso peculiar nas relações entre mídia informativa e notícia. Trata-se das reportagens veiculadas dentro do quadro *Parceiros do MGTV* e o telejornal que o concebeu, o *MGTV 1ª edição*, em 2014, na Rede Globo Minas de Belo Horizonte. A princípio, o quadro foi um esforço – feito também em outras praças da emissora carioca – de ampliar seu contato com comunidades tidas como periféricas (em geral favelas, bairros pobres e/ou cidades de áreas conturbadas), fortalecendo assim seu jornalismo local e o vínculo com as cidades e regiões em que vai ao ar. Nesse sentido, a produção do quadro está articulada, por um lado, às transformações por que passa o telejornalismo local brasileiro, marcado pelo esforço de comunicação, de estabelecimento de proximidade e, conseqüentemente, de renovação de seus formatos e modos de relação com o público (Becker, 2012; Frazão e Brasil, 2013; Gomes, 2011; Gutmann, 2014a, 2014b). Apesar desse esforço, não são raras as análises que, como explicita Becker (2012), apontam para um “apagamento da alteridade” de sujeitos e realidades sociais, ainda que visibilizados temporariamente.

Por outro lado, sendo feito por gente “da comunidade”, não-jornalistas, o quadro pressupunha tanto a possível liberdade temática e de formato das histórias a serem contadas, como a diversidade étnica e os modos de apresentação e atuação das pessoas alçadas à condição de repórteres e cinegrafistas. O *Parceiros do MGTV*, nesse esforço de proximidade e abertura de formatos, foi protagonizado por corpos – por mais treinados que tenham sido – de um estatuto ambíguo: simultaneamente da TV e da favela, ou melhor, das “comunidades”. Assim, os parceiros continham a promessa de ampliar a abertura das performances dos “corpos televisivos” (Leal, 2006), em especial os dos repórteres que vão a campo, cada vez mais decisivos para a autenticidade dos relatos (Gutmann, 2014a, 2014b).

No entanto, quando nos aproximamos dos 225 VTs que integram a única edição do *Parceiros do MGTV* produzida pela TV Globo de Belo Horizonte, disponíveis no site do quadro, nos damos conta que essa promessa e esse potencial talvez não tenham se efetivado plenamente. Deparamo-nos mais frequentemente com uma espécie de tensão entre os modos de ver e narrar as “comunidades” típica do jornalismo brasileiro e o potencial de abertura de sentidos que o quadro possibilitaria. Essa tensão se dá em pelo menos 3 níveis: entre as reportagens efetivamente produzidas e veiculadas, na sua relação com os acontecimentos narrados e com o quadro e com o telejornal; entre o

quadro, como um “modo de fazer” peculiar que abriga, dá sentido e apresenta as narrativas no interior do programa telejornalístico; e entre o *MGTV*, um produto padronizado, cujos formatos e modos de ser e dialogar com acontecimentos e telespectadores são bastante regulados.

Na exploração dessas (des)articulações, as favelas – a maioria das “comunidades” escolhidas como parceiras do *MGTV* – surgem como vetor importante. Para deixar clara essa tensão, este artigo desenvolve um exercício analítico marcado por um duplo movimento. Primeiro, promove uma caracterização geral da primeira e até 2017 única edição do *Parceiros do MGTV*, incluindo dados gerais sobre temáticas e escolhas editoriais, confrontando-o com modos recorrentes de informar sobre as favelas no jornalismo brasileiro. Em seguida, observamos mais atentamente as narrativas de 3 das reportagens exibidas pelo quadro, selecionadas por sua regularidade, ou seja, não contém elementos pouco usuais em relação a outras narrativas, podendo ser vistas, portanto, como exemplares típicos das histórias abrigadas no quadro. O movimento complementar entre as escalas macro e micro permite ver, como se defende aqui, que o esforço de inovação do quadro foi contrabalançado pelo modo recorrente de narrar do telejornal, o que fez com que as favelas emergissem nessas narrativas como que em oposição (ou resistência) ao próprio *MGTV*.

Com isso, o movimento analítico faz ver o campo de tensões que constitui a identidade do telejornal. Se, como um produto jornalístico massivo, ele precisa, na sua emergência regular e periódica, ser reconhecido pelos seus telespectadores, essa identidade deve ser constantemente ajustada, atualizada, de modo a manter os vínculos com a realidade social e com seus consumidores. Esse esforço de renovação da proximidade é bastante delicado e experiências como as do *Parceiros do MGTV* demonstram que, para além de intenções expressas em sua linha editorial, o telejornal apresenta-se identitariamente complexo e mais instável que se poderia imaginar a princípio. Nesse sentido, este artigo constrói-se em diálogo com os estudos sobre as transformações do telejornalismo atual (Becker, 2012; Frazão e Brasil, 2013; Gomes, 2011; Gutmann, 2014a, 2014b; Mendonça, 2015) e também sobre as mídias informativas e suas identidades (Landowski, 1992; Mouillaud, 1999; Leal e Carvalho, 2012; Leal, 2014).

O *Parceiros do MGTV* e a favela I: um balanço geral

O *Parceiros do MGTV* foi um quadro apresentado no *MGTV 1ª Edição*, da Tv Globo de Belo Horizonte,

em que seus repórteres não possuíam formação jornalística e eram moradores das regiões em que fizeram suas reportagens, no caso três aglomerados de favelas de Belo Horizonte e as cidades de Contagem e de Betim, na região metropolitana da capital mineira. O quadro foi o desdobramento de uma iniciativa que se deu no *RJTV*, do Rio de Janeiro capital, e que depois foi para São Paulo capital, no *SPTV*, e para Brasília, no *DFTV*. Segundo a própria Globo, a proposta era que o quadro se apresentasse sob a perspectiva de quem antes entrava no telejornal apenas como personagem das reportagens, ou seja, pessoas que vivem no dia a dia as situações relatadas pelos *Praça TV*. Na notícia publicada na página do G1 no dia 10 de dezembro de 2012, referente à abertura das inscrições para participação no quadro em Minas Gerais, é dito explicitamente que “...o intuito desta iniciativa é estreitar laços com o público das localidades contempladas no rol do cadastro de inscrições, aproximando-os do jornalismo da Globo” (G1, 2012). Fica claro, então, que a produção do quadro não é aproximar-se de realidades sociais específicas, mas o oposto: atrair (e familiarizar) novos telespectadores para o telejornal, através da participação “do público”.

Com proposta semelhante, há outro quadro no *MGTV*: o *VC no MGTV*, espaço para o telespectador participar do telejornal, enviando fotos e vídeos. Porém, nesse caso, os telespectadores devem apenas registrar imagens, com qualquer tipo de equipamento, sobre uma situação curiosa, um flagrante, a respeito de algum problema ou de ações positivas, e enviá-las através da página do *VC no MGTV* (G1, 2016). Para isso, a pessoa precisa ser cadastrada no site Globo.com. Neste quadro, ao contrário do *Parceiros do MGTV*, não há acompanhamento de jornalistas da emissora na produção do material e as imagens passam pela triagem da equipe do telejornal.

O *Parceiros do MGTV* teve sua única temporada para a região metropolitana de Belo Horizonte iniciada no dia 02 de abril de 2013, ocasião em que o telejornal fez uma reportagem sobre a seleção dos novos repórteres. Nessa data, foram escolhidas cinco duplas, contratadas inicialmente por seis meses e com possibilidade de extensão do contrato (Edital parceiros do MGTV, s.d.). As duplas deveriam fazer a cobertura do Aglomerado da Serra, da Pedreira Prado Lopes, do Aglomerado Santa Lúcia (três grandes conjuntos de favelas de BH), de Contagem e de Betim. Com o tempo, mais uma dupla foi adicionada, a que ficaria responsável por fazer a cobertura de cultura da cidade, abordando em suas reportagens manifestações artísticas populares, que não possuísem grandes patro-

cinadores e que não estivessem integradas à indústria da música e da arte.

Para se tornar um parceiro era necessário ter mais de 18 anos e o ensino médio completo. A seleção dos participantes incluiu uma prova online de português, raciocínio lógico e conhecimentos específicos; uma dinâmica de grupo e uma redação; apresentação de vídeos produzidos pelos candidatos segundo orientação durante o processo seletivo; e entrevistas individuais. Ao serem contratados pela emissora, os parceiros passaram a receber um salário mensal, devendo se dedicar quatro horas diárias, de segunda à sexta, às suas novas funções, sob a supervisão de jornalistas da TV Globo. Antes de começarem a atuar, eles receberam um treinamento, que, conforme o edital de seleção, seria de dois meses. Embora fossem os parceiros que fizessem as filmagens e escolhessem os temas a serem abordados nas suas participações, a edição de áudio e vídeo era realizada por jornalistas de formação, acompanhados pelas duplas.

Os colaboradores selecionados para o quadro apresentaram traços físicos que, em conjunto, fugiram das características mais frequentes entre os repórteres do telejornal (quase todos brancos, de cabelos curtos e/ou lisos): como se vê nas Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6, eles e elas eram jovens, predominantemente pardos ou afrodescendentes. Cinco dos rapazes traziam os cabelos raspados e um deles usava *dreadlocks*. Nas reportagens, todos eles usavam brincos, vestiam blusas de malha ou polo e (quase) nunca camisas sociais. Completando a vestimenta, eles costumavam estar de calças jeans, tênis ou sapatênis e relógio. Já as mulheres tinham cabelos alisados, calçavam sapatilhas ou tênis; vestiam-se com camisetas, blusas de malha ou estilo bata e usavam calças jeans ou *legging*. Os brincos e os cordões, estes menos frequentes, eram discretos.

Durante o período em que foi exibido, o *Parceiros do MGTV* contou com vinheta própria e reportagens de grande duração, quando comparadas às demais do telejornal. O tempo médio dos vídeos do quadro foi de quatro a seis minutos, enquanto as reportagens regulares do telejornal variam entre dois e cinco minutos. A primeira reportagem realizada pelas duplas foi ao ar no dia 27 de maio de 2013, produzida pelos representantes do Aglomerado Santa Lúcia. Antes disso, porém, entre os dias 20 e 24 de maio, já dentro do espaço destinado a esse quadro, um jornalista do *MGTV* foi às casas de cada uma das duplas, conversou com as famílias delas e perguntou sobre as expectativas que tinham sobre o novo trabalho. O intuito era o de aproximar aquelas novas “caras” dos



Figura 1. Davidson Negon e Elaine Rocha (Movimentos Culturais da Periferia).

Figure 1. Davidson Negon and Elaine Rocha (Periphery Cultural Movements).

Fonte: G1 (s.d.).



Figura 2. Fred Mendes e Rafael Blaytner (Contagem).

Figure 2. Fred Mendes and Rafael Blaytner (Contagem).

Fonte: G1 (s.d.).



Figura 3. Talita Santos e Pablo Ramos – Aglomerado da Serra.

Figure 3. Talita Santos and Pablo Ramos – Aglomerado da Serra.

Fonte: G1 (s.d.).



Figura 4. Bruno Silva e Gabriela Matos – Aglomerado Santa Lúcia.

Figure 4. Bruno Silva and Gabriela Matos – Aglomerado Santa Lúcia.

Fonte: G1 (s.d.).

telespectadores e deixar claro que elas realmente pertenciam àqueles aglomerados e cidades citadas.

A data da última reportagem a que se é possível ter acesso no endereço do *Parceiros do MGTV* na internet é do dia 05 de abril de 2014, completando o ciclo de um ano do quadro. Após esse momento, ele continuou até o

dia 11 de abril apresentando uma retrospectiva sobre o que cada dupla fez e dos resultados sociais da experiência para cada região. Na primeira reportagem dessa retrospectiva, um dos apresentadores do telejornal, Artur Almeida, disse que o quadro apresentou mais de 250 histórias. Além da grande quantidade, outro aspecto na fala de Artur chama



Figura 5. Kaio César e Bárbara Kathleen – Pedreira Prado Lopes.

Figure 5. Kaio César and Bárbara Kathleen – Pedreira Prado Lopes.

Fonte: G1 (s.d.).



Figura 6. Alessandra Ferreira e Thalison Gomes – Betim.
Figure 6. Alessandra Ferreira and Thalison Gomes – Betim.

Fonte: G1 (s.d.).

a atenção. Em diversos momentos os apresentadores do *MGTV 1ª edição* se referiam ao quadro e às reportagens realizadas como *histórias*. A intenção parecia ser a de marcar uma diferença entre o quadro (e seu caráter profissional, de vínculo com as “comunidades”) e as demais partes do programa, que se manteriam sob o compromisso com os padrões estabelecidos pelo jornalismo da Rede Globo.

A fim de ter uma leitura mais precisa do quadro, as 225 reportagens disponibilizadas no site foram distribuídas em temas principais (“editorias”). Optamos, aqui, ao contrário do que fizeram Sabadini e Mendonça (2010), por uma classificação que buscasse especificar o conteúdo e a preocupação predominante nas narrativas. Ao todo, chegou-se a 12 temas gerais, assim organizados:

Apresentação das duplas: apresentam para o telespectador as duplas de parceiros. Neles, um repórter do *MGTV* foi às casas de cada um dos escolhidos, conversou com eles e com suas famílias a respeito da expectativa em relação ao quadro, sobre quem teve a iniciativa de inscrevê-los, quais as ocupações profissionais que já tiveram. Além disso, há uma pequena apresentação das “comunidades”/ cidades em que vivem (número de habitantes, imagens de algumas casas e de moradores que andavam pelas ruas no momento da filmagem). São, ao todo, oito vídeos, que trazem as 6 duplas e mais uma apresentação geral, referente ao dia da escolha de todos os parceiros, e à apresentação de Elaine, Parceira que entrou no lugar de Luciana, da dupla de “Movimentos culturais da periferia”.

Infraestrutura: trazem assuntos relacionados a obras incompletas, mal-acabadas ou que necessitam de alguma ação por parte de agentes públicos (como serem demolidas, por exemplo). Também se encontram aqui problemas de saneamento básico, com o transporte e outros serviços públicos e relativos à saúde (como atendimento e funcionamento de postos médicos).

Projeto Social: reportagens sobre projetos de cunho educativo, social e/ou cultural dentro dos aglomerados e cidades abarcados pelo quadro. São iniciativas que partem de determinado morador, ONG e mesmo das Prefeituras (basicamente Belo Horizonte) com o intuito de formar, entreter e sociabilizar jovens, adultos e/ou idosos.

Cultura: aqui estão as reportagens que dizem respeito às artes, como música, artes cênicas e plásticas, literatura e cinema.

Comportamento: costumes e hábitos que extrapolam atividades ligadas às artes elencadas em *Cultura*, e que também se descolam de crenças ligadas às tradições religiosas, como as reportagens sobre cortes de cabelo e moda dos moradores das comunidades.

Perfil: histórias de vida de moradores tidos como de referência para as comunidades.

História: histórias sobre o passado (e sua preservação) das comunidades e das cidades onde se localizam. São reportagens sobre museus, casarões e vilas antigas, entre outras.

Ambiente: descaso ou cuidado com a natureza (rios, córregos, áreas verdes, flora e fauna)

Comércio: atividades de compra e venda de objetos ou alimentos dos aglomerados ou cidades, tais como feiras e serviços comerciais ou profissionais específicos.

Tradições religiosas: manifestações religiosas, de diferentes tradições.

Encerramento do quadro: as cinco últimas reportagens disponibilizadas na página da web do *Parceiros do MGTV*. Elas fazem uma retrospectiva sobre o que cada dupla fez e dos resultados sociais da experiência para cada região.

A distribuição apresentada na Figura 7, a princípio, permite dizer que houve pluralidade no conteúdo produzido pelo *Parceiros do MGTV*. No entanto, chama a atenção o vasto conjunto de reportagens dedicadas aos problemas de infraestrutura, que correspondem a 50,22% das histórias apresentadas. Diante desse dado, cabe a pergunta se, de fato, o quadro trouxe alguma inovação na abordagem das comunidades. O forte acento nos problemas infraestruturais parece se vincular ao entendimento recorrente de que as favelas e bairros pobres como lugares de falta, incompletos e precarizados. Assim, ao dedicar pouco mais da metade de suas reportagens aos problemas de infraestrutura, o quadro e o telejornal – similar ao que é feito também no *VC no MGTV* – se ofereceram como porta-vozes, frente às autoridades institucionais, de

comunidades carentes e situadas à margem do “asfalto”, da cidade.

Essa abordagem não tem nada de novo tanto do ponto de vista do telejornalismo local (Mendonça, 2015; Becker, 2015; Gomes, 2011) quanto na abordagem das comunidades. Afinal, como observou Rocha (2005, 2008) a presença das favelas nos textos televisivos de caráter informativo em geral se dá sob um prisma que enfatiza “[...] seu aspecto negativo, seus riscos e a rígida separação entre elas e a cidade – o urbano desejado” (Rocha, 2008, p. 133). Cruz (2007), por sua vez, tendo em vista discursos midiáticos e não-midiáticos, identifica cinco abordagens recorrentes e interconectáveis em relação às favelas: da violência e do tráfico; da chaga social; da falta e da carência; do idílio; e da diversidade. Os três primeiros têm claramente um viés negativo, que uniformiza as favelas e seus moradores, identificando-os com o crime ou como espaços a serem tratados e retirados de uma condição de suposta marginalidade. Já o olhar idílico situar-se-ia no extremo oposto das visões anteriores. Nesse caso, como se vê em várias canções da música brasileira, a favela é homogeneizada como um lugar quase perfeito, onde reina a solidariedade entre as pessoas, as relações entre os moradores são mais próximas, a arte e a cultura popular são exaltadas. O último olhar identificado por Cruz, o da diversidade, estaria vinculado aos movimentos sociais contemporâneos e à luta pelos direitos da cidade, através

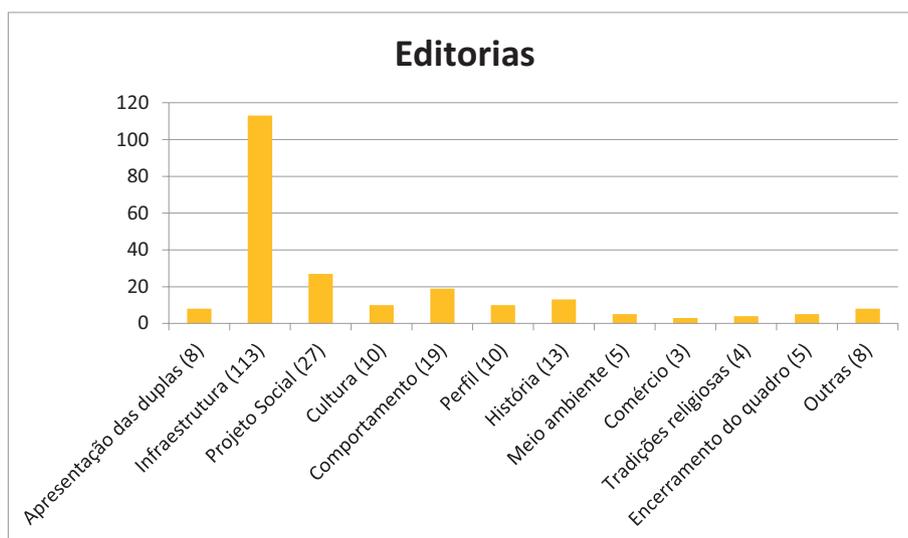


Figure 7. Editoria das reportagens e nº de vídeos analisados.

Figure 7. News report's broad themes and number of videos.

Fonte: dados da pesquisa.

dos quais a favela surge como um espaço diversificado cultural, econômica e socialmente. Para Cruz (2007), esses discursos sobre a favela se cruzam e se interpenetram, mas os três primeiros, que apontam para aspectos negativos, são os que mais se destacam e, ao lado da visão romantizada (do idílio), acabam por não dizer quase nada de locais tão ricos em muitos aspectos, embora também com muitos problemas – em grande parte causados pela omissão do Estado.

Nesse sentido, Meirelles e Athayde (2014) apresentaram os resultados de um estudo inédito, realizado pelo Instituto Data Favela. Criado em 2013, o Data Favela pesquisou, naquele ano, 63 favelas em dez regiões metropolitanas do Brasil, ouvindo, ao todo, duas mil pessoas. A pesquisa delinea as favelas e seus moradores não como os “miseráveis incultos, indolentes e bárbaros” encontrados nas visões da criminalidade, da chaga social e da falta. Alguns dos dados, por exemplo, indicam que:

- 81% dos moradores gostam da favela em que estão fixados e 66% não estão dispostos a abandoná-la;
- 93% projetaram desenvolvimento e evolução na própria vida nos doze meses seguintes;
- apenas 29% dos entrevistados nasceram na favela em que residiam na época da pesquisa;
- 13% tinham motocicleta; 20%, automóvel; 55%, forno de micro-ondas, mais do que no Brasil em geral, cuja média é de 35%; e 69%, máquina de lavar, porcentagem maior que média brasileira apontada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 49%;
- Das pessoas pesquisadas, 27% leram ao menos um livro (exceto a Bíblia) nos doze meses anteriores. No Brasil urbano, essa taxa era de 30%. Entre os pesquisados, dos que tinham entre 16 e 29 anos, considerado o mesmo período, 35% leram ao menos um livro (exceto a Bíblia), taxa que cai para 21% entre aqueles na faixa de 30 a 49 anos. Somente 17% daqueles com 50 anos ou mais viveram essa aventura no mundo das letras.

Dados como esses levaram os pesquisadores, então, a afirmar que as favelas

[...] compõem, na verdade, cenários heterogêneos, que podem se iniciar em um centro de comércio desenvolvido, com caprichadas casas de alvenaria, e terminar, no outro lado do morro, em uma área de risco, de difícil acesso, em que se equilibram humildes barracos de madeira. Vimos, portanto,

avanços incríveis e, ao mesmo tempo, graves problemas estruturais. Há diferenças significativas até mesmo no espaço reduzido da vizinhança. Se um cidadão passava dificuldades para sustentar sua família e pagar a prestação do colchão da caçula, do outro lado da parede, o vizinho comia filé-mignon com cogumelos e planejava a aquisição de uma banheira com hidromassagem para tornar o espaço da laje mais amigável (Meirelles e Athayde, 2014, p. 29).

O forte destaque do *Parceiros do MGTV* aos problemas infraestruturais sugere que as reportagens não se deram conta dessa complexidade, não se afastando de fato das abordagens negativas recorrentes. Atendo-se apenas ao mapeamento do *Parceiros do MGTV*, poder-se-ia dizer que as favelas seriam lugares onde predominantemente existem problemas, os mais diversos, isso devido à presença majoritária de reportagens cujos assuntos estão ligados a situações de dificuldades vividas pelos seus moradores. Mas é verdade também que nem todas as reportagens falavam de problemas infraestruturais, pois também foram ao ar histórias que tratavam de projetos sociais, de aspectos culturais e históricos, entre outros. No entanto, essa abordagem macro, que considera temas recorrentes, não alcança a especificidade de cada reportagem, na sua narrativa, nas imagens que apresenta, na atuação dos parceiros. A pergunta que se faz, então, é se as reportagens do quadro permitiriam ver algo da complexidade das favelas, mesmo abordando-as a partir de um tema recorrente, ou seja, se elas trazem alguma diferença significativa em relação aos modos tradicionais de abordar e de construir, narrativamente, esses espaços.

O *Parceiros do MGTV* e a favela II: imagens

Tendo em vista os limites deste artigo, examinamos com mais cuidado as narrativas de 3 reportagens que tratam de problemas infraestruturais de cada uma das comunidades de Belo Horizonte (Aglomerado da Serra, do Aglomerado Santa Lúcia e Pedreira Prado Lopes). Essas reportagens permitem, por um lado, encontrar indícios que confirmem ou não se, na sua superfície narrativa, o *Parceiros do MGTV* reproduziu uma abordagem recorrente das favelas; por outro, possibilitam caracterizar, ainda que indicialmente, os modos como as histórias foram contadas nesse quadro. Construídas da maneira que se tornou recorrente no quadro, essas três reportagens

dão pistas significativas de como os parceiros falaram e construíram para o *MGTV* os lugares onde residiram – e de suas contradições. Nesse sentido, uma das primeiras reportagens do quadro sobre a Pedreira Prado Lopes, exibida 05 de junho de 2013, recebeu o título de “A falta

que uma escola faz na comunidade” e teve a duração de 4 minutos e 32 e dois segundos. O assunto abordado pela dupla Bárbara Kathleen, como repórter, e Kaió César, como cinegrafista, foi o fechamento para reforma, por mais de um ano, de uma Unidade Municipal de Educação Infantil



Figura 8. Cenas do Parceiros do MGTV
Figure 8. Footage from Parceiros do MGTV.

Fonte: G1 (s.d.).



Figura 9. Cenas do Parceiros do MGTV
Figure 9. Footage from Parceiros do MGTV.

Fonte: G1 (s.d.).

(UMEI) da Prefeitura de Belo Horizonte. O fechamento da creche fez com que as crianças com mais de um ano passassem a frequentar a Escola Municipal José Diogo, também na Pedreira, que não era adaptada para receber crianças pequenas. Já as mães de crianças menores de um ano não tinham onde deixar seus filhos.

Essa reportagem foi apresentada no modo recorrente do telejornal introduzir o quadro, ou seja, os apresentadores do telejornal começaram relatando o tema da narrativa e chamaram a entrada dos parceiros. Após a exibição do VT, no encerramento do quadro, os apresentadores, que se referiram à Pedreira como “a comunidade”, relataram a resposta do órgão responsável pela questão abordada e cobraram por melhorias. No decorrer da reportagem, Bárbara Kathleen oscila entre atuar como repórter do *MGTV* ou como uma moradora da Pedreira. Em certas passagens, tem uma postura mais séria e formal, como nos relatos em off e ao realizar entrevistas. Porém, paralelamente, mostra-se descontraída e engajada, a exemplo de quando aparece pela primeira vez e diz “Pessoal, estamos aqui hoje na...”, ou quando ela visita as instalações da escola municipal (Figura 8).

Pela maneira de falar e de se movimentar, inclusive pegando uma criança no colo, Bárbara revela empenho e comprometimento com a reivindicação de melhorias. Após apresentar a inadequação da escola municipal, ela fala, rapidamente, de outro problema, lixo e entulho no passeio que dá acesso à instituição de ensino. A repórter então diz que “os problemas não estão só dentro da escola” e anda entre os escombros para ilustrar o caminho que os alunos também devem fazer. Para finalizar, de modo reivindicatório e questionador, ela indaga: “Então, Prefeitura, até quando a UMEI vai ficar fechada?” (Figura 9).

Essa reportagem destaca uma creche fechada para uma reforma que não acontece, uma escola municipal inadaptada para receber crianças pequenas, e lixo e entulhos espalhados pelos passeios. Com isso, fica a impressão da Pedreira como um lugar de construções ruins ou inacabadas, onde tudo está um pouco confuso e desorganizado. No entanto, para além do que foi destacado pela reportagem, há algumas imagens que aparentemente não tem grande relevância para a narrativa, mas é a partir delas que uma outra Pedreira se apresenta. Na Figura 10, um dos planos traz uma mulher que segura seu bebê dentro de uma casa bem acabada e limpa. Como sabemos pela reportagem que aquela casa fica na Pedreira, o olhar para esta favela se altera e passa a ser o de um lugar com diferenças, em que também há alguma sofisticação e cuidado. Já no outro plano da Figura 10, temos uma Pedreira em que há luta por melhorias e coordenação em busca da solução dos interesses coletivos. Essa leitura é permitida quando, no canto inferior esquerdo da imagem, vemos um cartaz que, embora não dê para ler muito bem (“Nós moradores queremos...”) indica mobilização e manifestação reivindicativa. A Pedreira, portanto, mesmo se vista a partir de uma única reportagem, é heterogênea e diversa, embora o destaque tenha sido para os problemas enfrentados por quem vive ali.

Em 08 de junho de 2013 foi ao ar uma reportagem de 08 minutos e 14 segundos, sobre Infraestrutura, intitulada “No Aglomerado da Serra, dificuldades de todo o tipo”. Essa reportagem foi a primeira a ser produzida pela dupla do Aglomerado da Serra em tom de denúncia/reivindicação. Na chamada, Artur Almeida antecipa várias imagens captadas pela câmera e relatadas no texto verbal de Pablo Ramos, o repórter da vez. O apresentador do



Figura 10. Cenas do Parceiros do *MGTV*.

Figure 10. Footage from *Parceiros do MGTV*.

Fonte: G1 (s.d.).

telejornal diz: “No Aglomerado da Serra dificuldades de todo tipo: falta luz, pavimentação, rede de esgoto, capina”. A outra apresentadora do telejornal, Isabella Scalabrini, por sua vez, destaca que Pablo é morador de um dos becos a serem mostrados na reportagem e que ele sente na pele como é viver num lugar com tantos problemas.

O fio condutor da narrativa é o deslocamento do repórter por diversos espaços do Aglomerado da Serra. No percurso, ele apresenta ruas, becos, avenidas e outros espaços públicos da favela, mostra sua casa, e informa sobre as más condições desses lugares, ressaltando ainda possíveis contratempos enfrentados pelos moradores. As imagens são exemplos de uma reportagem feita em movimento, com pequenos encontros e sérias dificuldades de locomoção e deslocamento ao longo do percurso. O repórter aparece andando o tempo todo, a exceção dos momentos de entrevista com moradores. Neste vagar, o repórter-guia se apresenta preparado: Pablo usa botas que a todo o momento são enquadradas na imagem. Ao final, a reportagem se assemelha a uma aventura a pé por terras inóspitas (Figuras 11 e 12).

Frente às complicações encontradas, Pablo às vezes parece perdido e não consegue explicar aqueles

“absurdos”. Isso pode ser exemplificado no seguinte trecho a respeito de uma mangueira exposta sobre a terra. Diz o parceiro:

Essa mangueira aqui, mangueira preta, não é de água, essa mangueira foi passada aqui no beco pra acender aquele poste que não acende e pra acender aquele outro poste ali da frente que não acende. Pra passar essa mangueira, quebraram... tudo. É difícil até saber a quem a gente vai recorrer, porque... quebrar um beco pra passar uma mangueira de energia pra colocar no poste, o poste não acender e deixar tudo quebrado... isso eu não, não dá nem pra continuar falando, porque fica difícil de entender porque acontece isso no Brasil e principalmente aqui no Aglomerado da Serra.

Enquanto o repórter se desloca, indica problemas e conversa com os moradores, é Talita Santos quem sustenta a câmera e registra as imagens. Nestas, foram vários os momentos em que Pablo esteve de fora da cena,



Figura 11. Cenas do Parceiros do MGTV.

Figure 11. Footage from Parceiros do MGTV.

Fonte: G1 (s.d.).



Figura 12. Cenas do Parceiros do MGTV.
Figure 12. Footage from Parceiros do MGTV.

Fonte: G1 (s.d.).

cedendo espaço para o telespectador ser confrontado com os diversos problemas relatados (Figura 13).

Nessas imagens, a sensação é de que o Aglomerado é um lugar sem conservação, que recebe poucos cuidados, esburacado, com muita terra, mato e sujeira e apenas alguns resquícios da presença humana. Essa imagem geral é quebrada apenas quando a reportagem dá a ver a união de moradores em busca de melhorias. Por exemplo, numa entrevista com uma aposentada, a respeito da dificuldade dela em se movimentar nos arredores de sua casa, é dito que os vizinhos se juntaram e fizeram uma “calçadinha” para ajudá-la. Em outro momento, Pablo mostra uma rede de esgoto construída com recursos dos próprios moradores, o que contribui para a visão de um lugar em que a cooperação entre os que ali vivem não é apenas um gesto de boa vizinhança, mas condição necessária para se viver de maneira mais digna.

Já em 14 de agosto de 2013, ao longo de 04 minutos e 13 segundos, os parceiros Bruno Silva e Gabriela Matos trazem a reportagem “Falta de saneamento básico no Aglomerado Santa Lúcia”. Na chamada, os apresentadores do telejornal comentam que esse é um problema

recorrentemente abordado no quadro e que essa situação expõe os habitantes do local a várias doenças, sem falar no mau cheiro. Quando se inicia o material da dupla de parceiros, Bruno Silva aparece cercado de mato e de galhos, tampando o nariz com a blusa e reclamando do forte odor: “Nós estamos no Beco E e a situação aqui está uma vergonha. Tá fedendo demais, olha o que tá saindo dali agora, chega pra cá Gabi, pra você ver”. Gabriela Matos se aproxima e grava diversos canos despejando esgoto a céu aberto. As demais imagens são de água contaminada percorrendo o solo e de entrevistas realizadas com moradores do local (Figura 14).

A maneira de Bruno se dirigir ao telespectador e relatar o problema é marcada pelo uso de gírias e termos bem informais. Nas entrevistas, Bruno demonstra grande empatia com os moradores. Chega inclusive a brincar com um deles, que, ao dizer que espera a resolução do problema pela Prefeitura, ouve o comentário jocoso do repórter: “[Tá] Esperando sentado né, senão cansa”. Bruno se mostra bastante afetado pela ausência de canalização de esgoto e no fim de sua participação “sugere” que as autoridades municipais se dirijam à região e solucionem



Figura 13. Cenas do Parceiros do MGTV.

Figure 13. Footage from Parceiros do MGTV.

Fonte: G1 (s.d.).



Figura 14. Cenas do Parceiros do MGTV.

Figure 14. Footage from Parceiros do MGTV.

Fonte: G1 (s.d.).

a questão, pois ele não estaria mais aguentando ficar ali, que, segundo ele, “tá fedendo demais” (Figura 15).

Mato, terra, canos expostos, esgoto a céu aberto e entulhos são as imagens que compõem majoritariamente a reportagem, dando a ver o Aglomerado Santa Lúcia como um lugar bagunçado, sujo e mal cheiroso. Temos ainda o

Aglomerado como região invisível para o poder público, onde os problemas, ao invés de serem resolvidos, só se acumulam. Com a reportagem, a sensação é a de que o Aglomerado ficou à margem, como indica a Figura 14, cujas imagens lembram algo primitivo, selvagem, sem quase nenhum traço urbano.

Entre as favelas e o MGTV, os parceiros

Esse breve olhar sobre essas três reportagens permite ver ao menos duas favelas: a primeira é cheia de problemas, abandonada e carente. A segunda, por sua vez, tem espaços de conforto, é criativa, reivindicatória, capaz de iniciativa e de abrigar ações coletivas. Entretanto, enquanto a primeira favela é aquela que se quer mostrar pela ação jornalística que sustenta e dá sentido à produção das reportagens, a segunda se faz ver através de detalhes, de imagens, falas e atitudes que emergem nas narrativas a partir da presença *in loco* dos parceiros e das relações que têm com esses lugares.



Figura 15. Cenas do Parceiros do MGTV.
Figure 15. Footage from Parceiros do MGTV.

Fonte: G1 (s.d.).

Pela pauta jornalística, as reportagens do *Parceiros do MGTV* trouxeram favelas como espaços a princípio muito simples e facilmente explicáveis: elas são repletas de problemas com os quais os moradores sofrem diariamente, estando lá porque o Estado não se interessa em solucioná-los – sabe-se lá o porquê, já que isso em nenhum momento é abordado. Além disso, como são várias reportagens de denúncia, com enfoques repetidos e com construções semelhantes, percebe-se que as favelas foram abordadas apenas naquilo que permitia ao telejornal dar uma resposta imediata, ou seja, exigir melhorias quase sempre *pontuais* por parte do poder público.

Nesse sentido, temos favelas apresentadas por um quadro que repete abordagens já recorrentes. Mendonça (2015), por exemplo, em sua análise da cobertura do *RJTV 1ª edição* sobre a “pacificação” da Rocinha, verificou algo muito próximo do movimento feito pelo *MGTV*. Segundo ele, o Praça TV carioca atualizou “dogmas” da cobertura jornalística sobre favelas, a saber: “[...] a especificidade da favela, as comunidades como territórios urbanos dos pobres e a homogeneidade ‘universal’ da(s) favela(s)” (Mendonça, 2015, p. 57).

Nessa homogeneização, a individualidade e a identidade de cada morador e de cada favela são apagados e o telejornal afirma-se identitariamente como um veículo para que a comunidade supere sua condição precária, de chaga social. Ou seja, a simplificação das favelas informa sobre os lugares que o telejornal reserva tanto para elas quanto para si. No caso do *Parceiros do MGTV*, talvez não se pudesse esperar outra coisa, pois se trata de um quadro idealizado por uma emissora que tem já consolidados seus modos de fazer jornalismo, especialmente em programas tão centrais como seus telejornais diários. O *MGTV 1ª edição*, como qualquer mídia informativa (Leal, 2014), precisa ser reconhecido pelos seus telespectadores usuais, que o reencontram regularmente a cada edição. Assim, o esforço de abertura e renovação que o quadro materializa se mostra fortemente contrabalançado ou constrangido pelos modos de ser do programa telejornalístico.

No entanto, é exatamente aí, no confronto entre a forma que se repete e o espaço único e complexo, que um conflito de identidades se apresenta. As complexas e variadas relações que envolvem uma dada mídia informativa e suas notícias constituem um campo vasto de exploração

ainda a merecer a devida atenção nos estudos sobre o jornalismo. Percebidas como dispositivos encaixados e em contínua tensão (Landowski, 1992; Mouillaud, 1997; Antunes e Vaz, 2006), mídia informativa e as suas diversas partes (notícia, colunas, seções, etc) ao mesmo tempo que apresentam características peculiares, às vezes atuam de modo complementar, colaborando entre si, ora opõem-se, contradizem-se, esquecem-se um dos outros (Leal e Carvalho, 2012; Leal, 2014). Nas tramas das narrativas das notícias e na própria história da mídia informativa, na sua emergência regular e cotidiana, emerge uma *identidade* comum a ambas, que, no entanto, é marcada por tensões e contradições.

Pela peculiaridade de sua proposta, o quadro está situado em um entre lugar: entre as necessidades comunicativas e comerciais do telejornal e as realidades cujos acontecimentos e narrativas justificam sua existência e não se deixam apagar pela ação interessada do dispositivo jornalístico. Em cada reportagem, esse conflito entre uma realidade complexa, que quer ser vista e os modos como o telejornal, através do quadro, quer vê-la, se apresenta, como a breve análise acima sugere.

É interessante observar que, no conjunto das reportagens do *Parceiros do MGTV*, essa diversidade emerge fortemente. Enquanto há reportagens que falam de barbearias que cobram até 100 reais pelo corte e que, inclusive, disponibilizam por meio de um *tablet* o catálogo de opções de cabelo, há instalações, como o Campo de futebol Bola de Ouro, em que o banheiro está destruído e escolas inadaptaadas para seus alunos. Com isso, temos a favela dos problemas e da carência, mas que também pode ser confortável e bem construída, que possui comércio movimentado e vários pontos de encontro, como campos de futebol e barbearias. Transitando entre as identidades das favelas em que moravam e as identidades do quadro e do telejornal, os parceiros, à frente e atrás das câmeras, tiveram ao mesmo tempo um papel ambíguo e decisivo. Eles eram simultaneamente corpos da favela e corpos do telejornal e, mesmo atuando sob um roteiro previamente escrito – a favela tal qual o telejornal quer vê-la – produziram histórias que materializaram, em cada uma delas e em seu conjunto, esse confronto identitário.

A princípio, a atuação dos parceiros poderia ser reduzida a duas estratégias contraditórias já identificadas no telejornalismo brasileiro por Gutmann (2014a, 2014b) e por Mendonça (2015).

Para este, em sua leitura do RJTV:

A reafirmação desses dogmas [sobre as favelas] será justamente a consequência discursiva do

complexo jogo de silenciamentos engendrado pela cobertura telejornalística aqui analisada. O direito de fala oferecido a apenas um “modelo” de morador “de favela”, que será replicado para “qualquer” favela, só funciona enquanto compartilharmos a ideia de que toda comunidade (como todo morador) é igual. Efetiva-se, com isso, a redução brutal da complexidade e da especificidade heterogênea de diferentes espaços da cidade no mesmo gesto enunciativo que parece “incluir” tais localidades no mapa discursivo dos territórios “recuperados” pelo Estado (Mendonça, 2015, p. 57).

Assim, cada parceiro deveria ser um morador (qualquer) da favela (qualquer), como fica explícita na idealização do quadro e mesmo quando, numa das reportagens analisadas, é mostrada a casa de um deles. No entanto, os parceiros não eram apenas entrevistados. Mesmo sendo “moradores da favela”, eles tinham como responsabilidade atuarem como porta-vozes de suas comunidades, conduzindo o olhar dos telespectadores para esses espaços e seus acontecimentos. Como agentes do telejornal, por sua vez, suas ações perante e detrás das câmeras poderiam ser apreendidos como *personas* – tal como classifica Gutmann (2014a, 2014b), em sua análise das performances dos repórteres do *Jornal Nacional*. Em contraponto ao repórter ventríloquo e impessoal, que seria a corporificação do macroenunciador do telejornal, Gutmann identifica uma outra performance, um modo de atuar, em que o repórter compõe sua ação como a de uma pessoa comum, sujeita às histórias e acontecimentos narrados, geralmente em cumplicidade com outros personagens. Em que pese a maior emotividade e/ou descontração dessas *personas*, não há, nesse caso, uma ruptura efetiva com as estratégias de enunciação e mesmo narrativas do telejornalismo. Trata-se, segundo Gutmann, de modos atualizados de autenticação dos relatos e da informação jornalística.

Nesse sentido, os parceiros não são corpos televisivos profissionalmente treinados, não podem ser vistos – a não ser cenicamente – apenas como atores que simplesmente se comportavam a partir do compromisso primeiro com as necessidades comunicativas do dispositivo jornalístico. Afinal, eles e elas mantinham relações de pertencimento efetivo, de identidade e proximidade real, com temas e situações abordadas. Essa identidade ambígua e clivada dos parceiros, simultaneamente “corpos do telejornal” e “moradores da favela”, materializou

neles as contradições do quadro e das intenções comunicativos do telejornal. E foi pelo modo de se portarem, pelas roupas usadas, pela interação que estabeleceram com o telespectador e com os entrevistados, por suas reações perante os assuntos abordados e pelas imagens que produziram, que os parceiros contribuíram – conscientemente ou não – para que as favelas pudessem emergir de outras maneiras na tela da TV. É certo que, nessa correlação de forças, as favelas do Aglomerado da Serra, do Santa Lúcia e da Pedreira Prado Lopes estavam em posição menos favorável frente ao modo de ver e narrar do telejornal. Mas também é certo que elas resistiram, profanando sutil e recorrentemente o gesto autoritário que as compreendia.

Referências

- ANTUNES, E.; VAZ, P. 2006. Mídia: um halo, um aro, um elo. In: V. FRANÇA; C. GUIMARÃES (org.), *Narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 43-60.
- BECKER, B. 2012. Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado: um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiro do RJ. *Galáxia*, **24**:77-88. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/10161>. Acesso em: 29/05/2018.
- CRUZ, M.M. da. 2007. *Vozes das favelas na internet: disputas discursivas por estima social*. Belo Horizonte, MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 200 p.
- EDITAL PARCEIROS DO MGTV. [s.d.]. Disponível em: http://zeus.e-hunter.com.br/redeglobo_parceiromg/default.asp. Acesso em: 08/05/2014.
- FRAZÃO, S.M.; BRASIL, A. 2013. A participação do telespectador na produção da notícia em telejornal: transformação do processo noticioso e da rotina profissional. *Brazilian Journalism Research*, **9**(2):112-129. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/577/494>. Acesso em: 29/05/2018.
- G1. [s.d.]. Parceiro do MG. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/parceiro-mg/>. Acesso em: 07/05/2014.
- G1. 2012. Projeto Parceiros do MGTV abre período de inscrição. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/12/projeto-parceiros-do-mgtv-abre-periodo-de-inscricao.html>. Acesso em: 02/06/2014.
- G1. 2016. Vc no G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/vc-no-g1-mg/enviar-noticia.html>. Acesso em: 12/12/2016.
- GOMES, I.M.M. 2011. Tendências do telejornalismo brasileiro no início do século XXI: telejornalismo popular e infotainment. In: J. FREIRE FILHO; G. BORGES (org.), *Estudos de Televisão: diálogos Brasil-Portugal*. 1ª ed., Porto Alegre, Sulina, p. 56-87.
- GUTMANN, J.F. 2014a. Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão. *Galáxia*, **14**(28):108-120. <https://doi.org/10.1590/1982-25542014216654>
- GUTMANN, J.F. 2014b. *Formas do telejornal: linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais*. 1ª ed., Salvador, EDUFBA, vol. 1, 346 p.
- LANDOWSKI, E. 1992. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo, Educ/Pontes, 198 p.
- LEAL, B.S. 2006. Do corpo como texto: na mídia, na rua. *Fronteiras*, **VIII**(2):144-151.
- LEAL, B.S. 2014. Quando uma notícia é parte da história: as mídias informativas e a identidade narrativa. *E-Compos*, **17**(3):1-17. <https://doi.org/10.30962/ec.v17i3.1056>
- LEAL, B.S.; CARVALHO, C.A. (org.) 2013. *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo, Intermeios, 258 p.
- LEAL, B.S.; CARVALHO, C.A. 2012. *Jornalismo e homofobia no Brasil: mapeamento e reflexões*. 1ª ed., São Paulo, Intermeios, vol. 1, 130 p.
- MEIRELLES, R.; ATHAYDE, C. 2014. *Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira*. São Paulo, Editora Gente, 300 p.
- MENDONÇA, K.S. 2015. Entre o mito da retomada do território e a política de silêncio: uma análise do discurso do RJTV sobre a ‘Pacificação’ da Rocinha. *Comunicação & Inovação*, **16**(31):43-58. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/3094/1765. Acesso em: 29/05/2018.
- MOUILLAUD, M. 1997. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília, UnB, 310 p.
- ROCHA, S.M. 2005. Favela, soma de exclusões e assimetrias: em busca de uma mobilidade simbólica na cena midiática. *Contemporânea*, **3**(1):185-217. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneapcom/article/view/3453/2519>. Acesso em: 29/05/2018.
- ROCHA, S.M. 2008. Análise de conteúdo articulada à análise de gênero televisivo: proposta metodológica para interpretação das representações nas narrativas midiáticas. *Fronteiras – estudos midiáticos*, **10**(2):121-134. <https://doi.org/10.4013/fem.20082.06>
- SABADINI, G.V.; MENDONÇA, K. 2010. Parceiros do RJ: A representação da ‘voz do morro’ e a reconfiguração do fazer jornalístico. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXIII, Caxias do Sul, 2010. *Anais...* 13 p. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0587-1.pdf>. Acesso em: 07/05/2014.

Submetido: 30/10/2016

Aceito: 08/10/2017